

**FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
CASA DE OSWALDO CRUZ**

Pedro Jurberg
(Entrevista)

Ficha Técnica

Projeto Remanescentes do massacre de Manguinhos

Entrevistado: Pedro Jurberg (PJ)

Entrevistadoras: Laurinda Rosa Maciel (LM) e Laís Marçal (LM2)

Data: 12/12/2017

Local: DAD/COC/Fiocruz – Rio de Janeiro

Única entrevista

Duração: 1h25m

Transcrição: Maria Lúcia dos Santos

Conferência de fidelidade: Poliana Orosa

A citação de trechos da transcrição deve ser textual com indicação de fonte conforme abaixo:

JURBERG, Pedro. *Pedro Jurberg. Entrevista de história oral concedida ao projeto Remanescentes do Massacre de Manguinhos*, 2017. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/COC, 2023. 32p.

Projeto Remanescentes do massacre de Manguinhos

Entrevistado: Pedro Jurberg (PJ)

Entrevistadoras: Laurinda Rosa Maciel (LM) e Laís Marçal (LM2)

Data: 12/12/2017

LM: Hoje é dia 12 de dezembro de 2017. Nós estamos aqui na Fiocruz no Rio de Janeiro, eu Laurinda Rosa Maciel e Laís Marçal e nós hoje vamos entrevistar o Dr. Pedro Jurberg por conta do Projeto Remanescentes [do Massacre] de Manguinhos. Então Dr. Pedro, nós queríamos já começar e gostaríamos muito que o senhor se apresentasse pra nós, né? Dissesse o seu nome, quando o senhor nasceu, onde, desse assim uma rápida biografia.

PJ: Meu nome é Pedro Jurberg, nasci no Rio de Janeiro, tenho 75 anos, sendo que eu estou em Manguinhos desde 1960, com algumas saídas. Quer dizer, com a aposentadoria eu saí agora retornando através desse curso de pós-doutorado. Eu formei me farmácia química, depois em ciências biológicas, fiz o mestrado de zoologia e o doutorado biofísica, na área de biologia.

LM: Na UFRJ?

PJ: NA UFRJ.

LM: Tudo na UFRJ?

PJ: No Museu Nacional em zoologia e biologia no Instituto de biofísica aqui do Fundão.

LM: Certo.

PJ: E dei aula durante 30 anos na UERJ.

LM: Nossa! E como que o senhor ingressou aqui no Instituto Oswaldo Cruz, ainda não era Fiocruz, né? Era o Instituto... Em que laboratório, que ano que foi. Contextualiza um pouco pra gente isso.

PJ: É, eu ingressei eu posso dizer quase de calças curtas, que eu tinha 17 anos.

LM: Meu Deus! Era um menino.

PJ: E aí estava fazendo vestibular... tem uma história paralela com o José Jurberg que é meu irmão, né?

LM: Ele já estava aqui...

PJ: Não, ele tinha concluído o curso e...

LM: Qual o curso?

PJ: O curso de farmácia e estava sem atividade dentro e disse: “Olha, estão abrindo o curso do instituto.”, aí ele veio aqui, ele já contou na entrevista dele, tentou fazer o curso, ele foi trabalhar com o Dr. Hermann. Como eu dava muito trabalho em casa e ele sabia que eu gostava de ciência, com 17 anos, ele viu que o Dr. Hugo de Souza Lopes que era entomologista tinha como *hobby* trabalhar com malacologia.

Aí ele disse: “Por que você não vai lá com o Dr. Hugo? Aí eu vim com o Dr. Hugo e trouxe um amigo de ginásio, na época de científico, nós estávamos fazendo científico, o Orlando Guerra que se tornou pesquisador também aqui. E o Dr. Hugo perguntou assim:

“No que você está interessado?” Eu nunca tinha ouvido falar em malacologia, mas eu sabia que ele fazia malacologia eu disse a ele: “Malacologia”. E aí o Dr. Hugo tinha uma maneira de selecionar muito boa, ele dava pra gente um trabalho chato e marcava dois dias na semana, era um sábado e domingo... não, era sábado... em dois dias da semana. E esse eu me lembro que caía no dia 24 de dezembro, perguntava: “DR. Hugo o senhor vai?” Ele disse: “Vou”. Então – sabe? – a gente estava lá. E esse trabalho chato era dissecar um caramujo que era o transmissor da...

LM: Esquistossomose?

PJ: Esquistossomose. Então no início a gente matava 500 bichos por dia, atropelava os bichos até que a gente foi adquirindo a técnica e percebeu que o bicho que ele tinha nos dado não era um bicho, não era uma *biomphalária*, era um bicho muito próximo (**inaudível**) a gente começou a achar a diferença. Então foi o primeiro degrau pra ele achar que... eu estou fazendo julgamento meu e do Orlando que tivemos vidas paralelas aqui dentro de Manguinhos.

Então ele começou a achar que a gente poderia ter possibilidade, mas havia uma coisa muito interessante, a ética na zoologia diz o seguinte, se tem alguém trabalhando num grupo e você acha um bicho novo etc., você deveria mandar esse bicho pra um especialista. E como o Dr. Lobato trabalhava com caramujo *biomphalária*, Dr. Hugo logo percebeu que a gente poderia continuar desfiou do (**nome**) que era próximo a *biomphalária* e começou a trabalhar com outro grupo. Então passamos assim uns dois anos, em [19]62 eu já estava...

LM: O senhor e o Orlando Guerra?

PJ: É. Eu tinha feito Farmácia porque... o Dr. Herman Lent nos chamou e disse o seguinte: “Vocês só ficam aqui se passarem de ano, se estiverem dentro da faculdade.”. E depois o Dr. Hermann botava o seguinte: “Olha, estagiário...” eu era estagiário... “Estagiário de Manguinhos não é reprovado e não tira nota abaixo de 7”. Isso mortificava a gente. A gente pô não podia...

LM: Deixava todo mundo morrendo de medo.

PJ: Morrendo de medo, tinha um medo danado. Então o Dr. Herman ele era extremamente rigoroso, era até brabo dentro da instituição e era uma dama fora da instituição, era um doce fora da instituição, mas aqui nos tratava a ferro e fogo, né?

LM: Nossa!

PJ: E foi nos ensinando. Eu me lembro de uma passagem que a gente trabalhava no prédio principal e a gente desceu às 4 horas... esse caso se passou comigo, eu desci às 4 horas, estava indo pra casa, disse assim: “Dr. Herman chamou.”, aí tinha que subir porque antigamente tinha uma charrete que nos levava lá em cima, mas a gente ia a pé. O Dr. Herman disse assim: “Olha, esse microscópio está ligado.”. Aí você apagava a luz. Ele: “Isso é dinheiro do povo, o povo está te pagando, então você tem que tomar cuidado.”. Quer dizer, as lições eram desse tipo.

LM: É uma seriedade com o serviço público, né?

PJ: Com o serviço público.

LM: com o dinheiro público que não se vê mais. Mas o senhor falou aí de charrete, como assim? Não era esses carrinhos? (**rindo**)

PJ: Não, carro elétrico não. Era charrete.

LM: Charrete?

PJ: Charrete, tinha um, sujeito...

LM: Com cavalo?

PJ: Com cavalo.

LM: Que transitava pelo campus?

PJ: Transitava pelo campo. Então claro que o sujeito não ficava satisfeito em oferecer carona...

LM: Isso na década de 60?

PJ: É. Oferecer carona pros mais jovens, mas às vezes a gente via a charrete vazia (risos) e sentava e dizia: 'Olha, vamos subir'.

LM: Ham-ham. E onde que era exatamente esse laboratório, era no Castelo?

PJ: Era no segundo andar.

LM: No segundo andar do Castelo.

PJ: No segundo andar era ocupado pelos laboratórios, então a gente convivia. E era um momento muito especial, porque cada um entrava no seu laboratório, ia fazer as coisas, tomava um café de manhã e tinha uma sala de café e não... quer dizer, se o Dr. Herman e Dr. Hugo eram dois pesquisadores assim que puxavam pela gente, eles, embora mais tarde tenham essa conotação política, eles nunca falaram de política com a gente. Eu acho que eles tinham algum defeito, eles não falavam de política...

LM: Mesmo nesse período anos 60?

PJ: É, não falava não.

LM: Quando vocês já estavam em vias pra um regime militar? Engraçado, né?

PJ: É, não falava de política. Eu só tive uma passagem com o Dr. Herman de política, depois que acusaram ele do telegrama, do famoso telegrama, ele me chamou uma vez e disse assim: "Olha, veja o telegrama..." Depois disse assim: "O telegrama não tem nenhuma conotação política", o telegrama dizia: "Se entrasse em guerra..." depois é que o [Luis Carlos] Prestes associou o telegrama... eles tiveram contra as bases militares no Brasil, esse era o teor do telegrama. E aí perguntaram, numa reunião na câmara perguntaram ao Prestes se o Brasil entrasse em guerra com a Rússia de que lado ele ficaria, ele disse que ficaria do lado da democracia, ou uma situação semelhante a essa. Aí associaram que o Prestes estava ligado, etc., e associaram o telegrama a isso. Então a ideia que eu tenho é que esse pessoal, esse pessoal era muito combativo, que eu estou falando do Herman e do Hugo, eram muito combativos, mas eles foram perseguidos não por ideologia política, a ideologia política era pano de fundo, aproveitaram da ideologia política para alija-los do processo, mas na realidade havia... o Herman fazia inimigos, né? Ele fazia inimigos sérios, não fazia (Rindo) inimigos mais ou menos não. Eu vi vários... (**inaudível**) que essa seriedade dele era com...

LM: Ele levava pra todos os campos.

PJ: Levava pra todos os campos.

LM: Inclusive na hora de fazer inimigos.

PJ: Fazer inimigos. Eu me lembro uma vez a Berta Lutz, filha do...

LM: Adolpho.

PJ: Adolpho Lutz, estava discutindo com o Herman se a coleção dele, do pai dela deveria ir pro museu, aí os dois eram dois bicudos, discutiam com... a Berta era uma pessoa interessante, não a conheci pessoalmente não, só vi de longe ela discutindo isso. Ela era uma feminista, né? Ela foi uma das primeiras vereadoras, etc.,

LM: Exato.

PJ: Cruzava com o Herman, mas não tirava casquinha não, nenhum dos dois.

LM: É. Então quer dizer que quando o senhor chegou aqui no IOC, no Instituto, nesse laboratório do Dr. Hugo o senhor não tinha nenhuma experiência prévia?

PJ: Não tinha experiência prévia não, fui aprender com ele. E eles embora tinham essa postura ética, eram pesquisadores, etc., eu acho que... Eu não sei se eles perceberam que o momento ia ficando complicado que eles não falavam de política. Até tem uma historinha que o Dr. Hugo era tido como de esquerda, comunista, e Lauro Travassos que era o mentor dos dois, era mais velho, de direita. Um dia Dr. Lauro Travassos disse assim: “Eu acho que foi o Dr. Hugo que fez a assinatura da A Voz do povo” – ou um jornal semelhante - “pra mim”, aí eu conte pro Dr. Hugo. O Dr. Hugo disse assim: “Eu acho o Travassos em represália fez a assinatura das Seleções...”¹

LM: (Risos)

PJ: “...Que eu recebo todo mês as Seleções.” Essas as únicas lembranças, entendeu? De uma conotação mais política.

LM: Mais política, é.

PJ: Eu nunca soube... olha que a gente via todo... quando começamos a trabalhar víamos todos os dias na hora do café, eu nunca soube, eu nunca vi nenhum deles falarem de política nem coisa nenhuma. A gente sabia das histórias, das brigas deles com o Olímpio da Fonseca. O Lauro Travassos eles tinham ideias contrárias, mas o Lauro Travassos era *hour-concour* também, era um sujeito sério, então eles não se davam muito bem, mas também não brigavam.

LM: Entendi. Hum-hum. Nesse período que o senhor entrou, foi 62, né? 62, 63.

PJ: Em 62 houve uma lei dizendo que todo mundo que tivesse algum vínculo com serviço público deveria ser...

LM: Incorporado.

PJ: Incorporado. E aí o Dr. Herman disse que ele não ia incorporar a gente, porque ele disse: Não, porque... E aí o Paulo Barral que era um pesquisador que depois saiu do instituto, foi pra Belém, foi falar com ele e disse assim: “Ó, o senhor manda eles embora porque eles não são capazes ou o senhor incorpora...”

LM: Pois é, né?

PJ: “Porque isso que o senhor está fazendo é uma coisa...” Aí o Hermann aceitou. E eu recém-formado, ganhando como biologista classe 17, havia 18 no serviço público de repente eu passei a ter um status, até um status financeiro... todo mundo comprou carro, eu também comprei carro e tal. E comecei a trabalhar. Aí a malacologia cresceu, Dr. Hugo fez a sessão de malacologia, naquele tempo eu não tinha estrutura, eu era responsável pela

¹ Seleções, do *Reader's Digest*, periódico muito lido no período e veiculava matérias de generalidades.

sessão de malacologia. Bem, isso foi em 62. E tentei... em 64 eu tentei fazer o primeiro doutorado em biofísica, aí entrou o Rocha Lagoa e o Rocha Lagoa impediu, disse que eu tinha que passar o expediente todo dentro do instituto...

LM: Dentro do laboratório.

PJ: Ele disse que eu só podia assistir aula 6 horas da tarde. Aí 6 horas da tarde ficou difícil, eu abandonei o curso...

LM: Então o senhor foi fazer doutorado bem depois.

PJ: Muito mais tarde.

LM: Muito depois.

PJ: Muito mais tarde.

LM: Ta.

PJ: Aí veio a Revolução, a Revolução cassou... e a gente ficou...

LM: E como que foi esse impacto desse golpe de 64 aqui na Fundação, que lembranças o senhor tem? Porque o senhor estava recém chegado, né? O senhor já falou que não se discutia muito política, não se falava muito...

PJ: Não se discutia nada, nada.

LM: Não se discutia nada.

PJ: Não se discutia nada.

LM: Bem diferente hoje em dia, né?

PJ: É.

LM: Em qualquer conversa a gente...

PJ: Fala de política.

LM: Fala da situação política. Bem diferente. Mas então quais eram as atividades que o senhor tinha nesse laboratório, quem eram os seus colegas? O senhor já falou que quem dirigia era o Hugo, né?

PJ: É, o Dr. Hugo.

LM: Dr., Hugo.

PJ: É, o Dr. Hugo passou pra mim e o Orlando por um ano.

LM: Isso. Ham-ham.

PJ: E o Orlando tinha muita atividade política porque enquanto eu fiz pra UERJ, que aí eu fui fazer o segundo curso de biologia e ele foi fazer biologia na UFRJ.

LM: Certo.

PJ: Na Faculdade [Nacional] de Filosofia que ficava ali do lado da embaixada da...

LM: Da França.

PJ: Da França. E o Orlando era muito politizado. O Orlando... tanto que eu estive lendo a histórico do Orlando que ele publicou, quer dizer, publicou não, que a própria Casa de Oswaldo Cruz obteve dele e me lembrei da atividade política dele. Ele se metia no diretório, foi perseguido e teve toda uma coisa contra ele. Orlando é um cara especial,

porque o Orlando era um dos caras mais inteligentes que eu conheci, mas ele não gostava de trabalho.

LM: (Risos) Ah é?!

PJ: É. E quando ele fazia as coisas eram brilhantes. E eu me lembro da defesa de tese de mestrado dele, ele pegou um giz foi pro quadro e falou sobre a tese dele, aí todo mundo perguntou: “Por que você não escreveu isso na tese?” (Risos) porque a presença dele, a aula dele era mais brilhante do que o que estava escrito.

LM: Do que o escrito, talvez.

PJ: Falava várias línguas e dizia assim: “Ah, meu pai me ensina” e tal.

LM: Que coisa, né?

PJ: Eu fui colega dele de ginásio.

LM: Ah, também?

PJ: É, eu me lembro...

LM: E vieram se encontrar depois aqui?

PJ: Não, eu o trouxe pra cá porque o Orlando era meu companheiro de... Eu me lembro que uma vez nós fizemos uma redação e ele foi brilhante na redação e aí a professora de português deu 10 pra ele e deu 8 pra um sujeito que tinha copiado de um autor famoso, aí ele disse: “Está vendo? Eu sou melhor do que o cara.”

LM: (Risos) É, copiou de um autor famoso e mesmo assim tirou 8.

PJ: É, ele é músico excelente, tocava em festival...

LM: O Dr. Orlando?

PJ: É, em festival de música, o Chico tirava em primeiro, Caetano em segundo, ele em terceiro...

LM: Meu Deus!

PJ: Ele sempre era o terceiro, mas com altíssimo nível nesses festivais de música.

LM: Legal! Quem eram os colegas assim que o senhor se lembra mais além do Orlando?

PJ: O Dr. Hugo dava aula no KM 47 e começou trazer pessoas...

LM: Km 47 é Rural?

PJ: É, a Rural.

LM: A Universidade Rural, tá.

PJ: Ele trouxe o professor Rezende, o Pedro Lazier e o José Luís. José Luís Resende, eu acho. Não me lembro. E o Hugo tornou-se reitor da...

LM: Ah, da Rural? Ham...

PJ: E o Dr. Hugo tinha uma situação interessante, ele dizia assim: “Eu faço questão de participar do vestibular porque eu escolho o pessoal que vai trabalhar comigo.”. Fazia exame oral e pelo exame oral escolhia. Bem, aí em 64 a pressão era de tal ordem que surgiu a oportunidade da gente ir pra Brasília.

LM: Sim. Pra UnB?

PJ: É, pra UnB. Aí nós fomos pra UnB...

LM: Pra fazer exatamente o que?

PJ: Pra montar a UnB.

LM: Ah, pra montar a universidade, isso.

PJ: É, o Cordeiro... era o Zeferino...

LM: Gente, então você conheceu o Darci Ribeiro?

PJ: O que é?

LM: Você conheceu o Darci Ribeiro? Não?

PJ: Não, quando eu cheguei lá era o Zeferino Vaz.

LM: Ah, o Zeferino.

PJ: Era o Zeferino faz que criou uma ciumada porque o Dr. Hugo era amigo dele e o Dr. Hugo disse: “Ah, vai lá falar com o Zeferino”. Insistiu tanto que eu fui e o Zeferino me recebeu de braços abertos porque era do Dr. Hugo e o pessoal que tinha... e eu só percebi recentemente, o Zeferino era um cara espetacular que fez a Campinas e etc., mas ele era de direita. E naquele tempo, naquela ingenuidade da gente, o ato do Zeferino nos visitar uma vez no laboratório criou uma situação constrangedora.

LM: Constrangedora, é.

PJ: E tinha uma conotação política, o Zeferino saiu e uns seis meses, sete meses depois ele demitiu alguns professores, e aí houve um ato de solidariedade, todos os professores pediram demissão, todos com exceção de uns poucos, eu também pedi demissão. E aí é uma situação engraçada, quer dizer, na UnB o pessoal foi solidário e aqui em Manguinhos quando houve a cassação todo mundo se escondia, todo mundo...

LM: Com medo de ser cassado também.

PJ: Com medo. Eu ia escrever isso no projeto, mas eu achei que já estava saindo um pouco do projeto, mas eu acho que faz parte. Interessante que o pessoal se escondia e lá não. Então aí eu voltei, voltei e o Rocha Lagoa disse pra mim: “Não, não, eu vou consultar os órgãos de segurança pra ver se você pode voltar.” Me chamou... Aí o Herman disse: “Não, você começa a assinar o ponto e pelo serviço público você tem o direito de voltar quando quiser, então já tem uma situação.”. E aí a gente aceitou essa ideia, começou a assinar o ponto, fomos trabalhar no porão ali do... é uma casa, um setor de obras em frente ao hospital...

LM: Evandro Chagas?

PJ: Em frente ao 26.

LM: Ah ta. Era o Leônidas [Deane], né?

PJ: É, em frente ao Leônidas. Aquilo era uma casa de obras, montamos lá... montamos os laboratórios, começamos a trabalhar, aí surgiu a cassação. A cassação tirou todo o pessoal e a gente passou a ser guerrilheiro, né? A gente vinha, não tinha conotação, eu sabia que qualquer coisa, qualquer ideia que partisse do Rocha Lagoa... a gente se dirigia ao Rocha Lagoa e provocava, a gente se dirigia chamando FP da Rocha Lagoa, era o filho da puta Rocha Lagoa. Então a gente sempre usou isso. Aí um dia eu fui chamado... ah, o dia... recentemente a minha mulher, Marise Bezerra Jurberg que trabalhava com Haity

Moussatché, que veio também de Brasília, começou a trabalhar com Haity Moussatché foi ao ministério e um coronel disse a ela que ela não poderia mais frequentar o Instituto, porque...

LM: A Marise?

PJ: É.

LM: É?

PJ: Ela não poderia mais frequentar o instituto e tal. Passa-se um tempo eu sou chamado também... não, não, depois aí o Rocha Lagoa me transferiu pra SUCAM pra fazer exame de fezes, que é uma garagem que ficava lá em São Cristóvão e tal.

LM: Isso tudo no contexto do massacre?

PJ: Do massacre...

LM: Do período logo posterior.

PJ: É, do período. Quer dizer, eu não uma pessoa expressiva então os meus castigos também não eram expressivos de “Pô, ser cassado!” Não valia a pena movimentar todo negócio pra ser cassado.”

LM: Entendi.

PJ: Mas eu fui transferido pra a SUCAM. E aí eu disse: “Eu não vou fazer esse negócio porque... não que seja humilhante, mas não era aquele perfil.” Eu disse: “Eu vou trabalhar no Museu.” Aí eu ia, assinava o ponto. Aí, por acaso eu encontrei um amigo que era médico que disse assim... eu trabalhava na SUCAM ele disse: “Olha, Pedro, não tem problema. Você diz que está com dor de estômago, que eu vou fazer um exame e vou pedir uma ultrassonografia, o aparelho está quebrado já há um ano. Enquanto não tiver consertado esse aparelho o cara não pode te dar alta.” Porque... sei lá! Aí licença médica atrás de licença médica. Aí um dia eu cheguei lá o cara disse assim: “Você está transferido pra Sergipe.”. E eu... aquela época devia ter 007 porque eu fui lá falar com o sujeito e eu disse: “Eu posso ler o processo?” Ele disse: “Você não pode levar.”. Aí eu puxei uma máquina fotográfica, na frente dele, tirei e fotografei tudo.”. E levei um gravador... olha, em 64 só o gravador era do tamanho de uma mala.

LM: Enorme, né?

PJ: É. E aí ele pega o telefone... foi interessante, ele pega o telefone e começa a falar com o cara da Amazônia: “Não, aquele sujeito está chefiando aquele negócio, mas ele faz contrabando”. Uma conversa desse tipo de contrabando de um sujeito que não tinha nada a ver com política. No dia seguinte... ah, eu fui chamado aqui também pelo coronel. E aí eu me lembrei... que o pai da Marise era general... eu esqueci... “o general daqui que eu não me lembro o nome dele, o coronel, eu fico admirado o senhor ter feito isso com a filha de um colega seu”. Aí ele perguntou: “Que colega?” Quando eu disse o nome do meu sogro ele disse: “Era um sujeito muito sério, eu servi com ele.”. Eu: “É, o senhor fez isso com o seu amigo, sem ver ...” Ele disse: “Não, mas são as circunstâncias e tal.” E aí perguntaram pra mim: “Ah, você está trabalhando na faculdade, na universidade?” “Tenho sim.”. “Você não tem tempo integral?” Digo: “Tenho sim.”. “E pode?” Eu digo: “Olha, não sei se pode. Quando eu assinei o tempo integral era 100% do meu salário, hoje já é 70%, então houve uma ruptura do contrato, está entendendo? E aí eu me jugo no direito de defender, porque cada vez está ficando pior.”. Ah, você fala mal do ministro?” Eu digo: “ó, quer falar ou pensar?”

LM: Ah, você era bem danado também.

PJ: Eu era folgado, eu era folgado. Falar ou pensar. Eu disse: “Olha, falar eu não falo porque eu sei que é proibido, agora pensar eu penso bem mal dele.”

LM: (**Risos**)

PJ: E aí eu digo... e naquele tempo o Rocha Lagoa tinha dois assistentes de laboratório que ganhavam o status de assistentes do ministro, né?

LM: Sim.

PJ: Um deles tem até uma história engraçada que quando... engraçada, porém, trágica, porque um dia ele faleceu porque ele caiu do telhado porque estava mexendo na antena, aí a esposa dele veio... “ó, eu vim apanhar os vidros.” “Que vidros?” Ela disse: “Não, ele levava toda semana, agora que ele morreu...”

LM: (**Risos**) Ele levava da Fiocruz?

PJ: Levava. Tudo mundo... aí que o pessoal construía.

LM: Meu Deus do céu!

PJ: Outro construiu uma casa com material de Mangueiras, havia um...

LM: Gente, que coisa, hein? Desvio de material público assim... Que coisa triste!

PJ: Tem coisas interessantes. Bem aí... aí ele morava numa vila aqui em Bonsucesso que tinha uma clínica de aborto e...

LM: Dr. Riça?

PJ: É, Dr. Riça.

LM: Famoso! (**Risos**)

PJ: E sem entrar em aspectos...

LM: Moraes.

PJ: Moraes e éticos, mas era ilegal. Aí eu digo assim: “O senhor está me perseguindo, mas o secretário do ministro mora do lado...” Aí o cara arregalava os olhos, ele não devia saber desse troço.

LM: Claro.

PJ: Bem, e moral da história, esse morreu assim, da antena. O outro foi... o outro eu não soube da história. Aí quando eu fui transferido pra Sergipe eu voltei ao coiso e disse assim: “Eu estou sendo transferido pra Sergipe”. Que eu era genro do general que ele conhecia. Ele disse assim: “Olha, eu não posso lhe falar nada, mas numa guerra quando a gente está perdendo a gente recua pra a trincheira passar, você não peça demissão.”. Aí eu pedi... eu já tinha pedido, isso foi uma sexta-feira, eu digo: bom, tem 30 dias pra se apresentar senão você perde o serviço. Então, 6ª feira completou 30 dias o pedido, segunda-feira o Lagoa caiu. Ele sabia...

LM: Ele sabia que ia cair.

PJ: Aí eu...

LM: Isso foi que ano exatamente, Dr. Pedro? 68, 69, por aí.

PJ: Eu não tenho lembrança disso não, mas aí o pessoal disse o seguinte, eu vim aqui, e havia um sujeito que trabalhava na fotografia que escrevia ofício pra todo mundo, aí disse: “Pede pra retornar.” Porque havia uma coisa no serviço público que você podia se arrepender da demissão aí eu pedi pra retornar e o Oswaldo Cruz que era o diretor que tinha assinado a minha transferência...

LM: Oswaldo Cruz Filho.

PJ: Se viu assim, pô, eu estou pedindo pra retornar, já tinha terminado... ele não devia ser um sujeito de maus instintos etc., aí anulou a minha transferência porque houve um engano. E aí eu fui o primeiro a retornar. Eu retornei.

LM: E esse episódio do massacre é uma coisa muito falada aqui na história de Manguinhos e tudo o mais, muito já se escreveu, já se falou sobre, mas eu queria que o senhor relatasse pra gente qual foi o impacto disso no cotidiano do laboratório. Quer dizer, foram vários laboratórios, vários cientistas que foram cassados e a gente fica pensando assim como esses laboratórios sobreviveram e o seu trabalho foi alongado.

PJ: Orfandade total. A sensação que a gente era órfão, vinha pra cá, tinha que vir, ficava conversando e tal, depois a gente percebeu que se a gente não publicasse, aquela história de ter que publicar, começamos a achar coisas pra fazer, coisas pra publicar, trabalho. Porque o impacto é grande, se você não tem numa fase da vida alguém que te seja o norte você fica sem saber, você repete aquilo que está fazendo e fica sem saber.

LM: É.

PJ: Então a gente começou lá pessoalmente fazendo pesquisa pura em zoologia, porque naquele tempo o Hermann era favorável a que se faça pesquisa pura no instituto. E ao meu ver isso não era uma coisa, não foi muito legal, mas era a diretriz dele e tal. E deu oportunidade. Então eu me lembro que o marimbondo, eu estou dentro do laboratório vem um marimbondo e bebe água na torneira. Eu digo? Se esse marimbondo veio aqui beber água na torneira, nós somos capazes de usar os princípios de aprendizagem do marimbondo. E aí fizemos umas caixas que o marimbondo... ensinava os marimbondos abrir uma portinha e beber água, voltar, que ele tinha pra sair a gota d'água abrir a porta, mas isso é princípio de confinamento operante (**inaudível**) Está vendo tudo isso, isso está tudo embasado numa teoria.

LM: Pavlov, essas coisas.

PJ: É. O pessoal não acreditava, a gente fez um filme, publicou um trabalho, deu uma tese na PUC que até hoje o pessoal discuti na PUC se a PUC... porque a PUC era muito associada a... a PUC era pesquisa com seres humanos, de repente tem um jovem lá que trabalhava aqui, que era um psicólogo, que fez uma tese dos princípios (**nome**) aplicados a invertebrados, marimbondos e tal. Então eu me lembro de um sujeito que escreveu um livro: “A PUC aceita até isso.”

LM: (**Risos**) É. Parâmetros da ciência que vão mudando, né?

PJ: É. A PUC...

LM: E como que ficou o cotidiano do laboratório de vocês, o laboratório de malacologia...

PJ: É, de malacologia. Se transformou em sessão...

LM: Onde é que entra o Dr. Lobato?

PJ: É, tem umas coisas curiosas...

LM: Porque o Dr. Lobato não foi cassado, foi?

PJ: Não, Dr. Lobato não.

LM: Pois é. foi. Então o laboratório...

PJ: A personalidade do Dr. Lobato, eu convivi muito com ele, era um dos caras que gostava de ser um cientista mesmo, mas ele era personalista, ele sabia, ele era super focado no trabalho dele e nada... a política atrapalharia o trabalho dele.

LM: Entendi.

PJ: Ele não...

LM: Então por isso que ele não foi atacado.

PJ: Não foi atacado.

LM: ...vamos dizer assim por esse episódio. O senhor então considera que todos os cientistas ou a maioria dos cientistas cassados eles tinham também esse viés político, ideológico mais aguçado? Eram mais críticos à instituição, à direção?

PJ: Eram mais críticos à instituição e pensavam no ministério, fazer o ministério das ciências então isso – sabe? – era contra a história do Lagoa que queria o Ministério da Saúde senão ele perderia poder, mas a cassação teve um momento assim crucial. Eram dez pessoas que Hermann estava nesse grupo e um deles era o Freitas que era o chefe da helmintologia, mas o chefe da helmintologia ele era discípulo do Lauro Travassos, também convivia no grupo, mas foi se afastando, e ele tinha uma vida pessoal um tanto estranha, um tanto estranha. Vou dizer o que é o estranho. Ele vivia com a secretária dele.

LM: Sim.

PJ: Então era algo assim bastante às claras porque ele saía todo dia com ela, tal e etc. Então pessoas que tinham uma outra família têm que manter seu status financeiro, essa era a minha cabeça.

LM: (risos)

PJ: Mas no dia da cassação ele estava com o processo na mão e botou na pasta e pegou um táxi com um sujeito que eu já vou me lembrar o nome da fotografia que era muito meu amigo, era um funcionário...

LM: J. Pinto?

PJ: Não, não era o J. Pinto não. E ele pegou o taxi, porque (**inaudível**) entrou por um lado, nisso tem um acidente. E no acidente ele só virava lá pro coisa e dizia assim: “Não deixa! Isso aqui tem documentos do governo, tem documentos...”, chamou o guarda e disse: “Estou lhe passando nas mãos documentos do governo...” e ele morreu depois de um mês por causa desse acidente. Então diziam assim o Rocha Lagoa cassou 9, o destino cassou o 10°.

LM: Entendi.

PJ: Eu estou com o nome da pessoa. É um gráfico que trabalhava... Bem, então ele... Isso foi um negócio marcante. E a cassação em si a gente vivia sem saber mesmo o que fazer, todo mundo meio tonto, publicando um trabalhinho.

LM: E a diretoria assim institucional, nesse momento?

PJ: Nisso o Lagoa... O Lagoa retornou o curso e chamou as pessoas...

LM: De Aplicação?

PJ: ... chamaram todas as pessoas, mas ele não chamou duas pessoas. Quer dizer, segundo o José [Jurberg] ele ameaçou o José, que ele tentou fazer chantagem, fazer um curso na Inglaterra, depois ameaçou o José. A gente não se matriculava no curso, porque o cara podia chamar e a gente não ir lá e dizer: eu não vou assinar e tal. Eu tenho impressão que a minha saída, quer dizer, ele ter me mandado embora porque eu não me... o que saía do Lagoa eu era contra.

LM: Entendi.

PJ: Quer dizer, o curso dentro... se você vê numa outra perspectiva era uma coisa interessante, até podia dizer: “Ah, tem isso”, não, mas era um bom curso. Está entendendo? Você ver que o Leon [Rabinovitch] declara que o curso foi legal etc., eu acho que ele tem razão, o curso era legal, mas era do Lagoa e... Então havia coisa interessante, mas havia um personagem interessante chamado José João. José João era o capataz do Lagoa, ele tomava conta de todo Manguinhos.

LM: Meu Deus!

PJ: Era. E o José João ele administrava o refeitório que era ali aonde é o... na casa de chá.

LM: Sim.

PJ: Tinha uma árvore linda! Eles conseguiam fazer um almoço que o ovo era ruim. Pô, fazer um ovo ruim é a pior coisa... **(Rindo)**

LM: **(Rindo)** O cara é muito rim, né?

PJ: E o José João vivia provocando a gente porque ele queria uma situação de fato pra chegar pro Lagoa e dizer assim: “Olha, aconteceu isso e tal, e etc....” Então um dia eu trabalhava lá na casinha eu digo: “Zé João, aqui não tem limpeza, não sei o que, e tal.”. Ele pegou o maior facínora de Manguinhos, um cara que tinha um passado no Nordeste, já tinha... Andava de peixeira, todo mundo respeitava, e mandou...

LM: É o José João?

PJ: O José João mandou esse trabalhar no departamento. Pô, ele foi trabalhar e o que ele encontrou? Encontrou pessoas boa praça, todo mundo respeitadamente ele, ele obviamente se tornou um amigo da gente, mas uma das vezes o José João deixou de mandar, porque era coisa... e aí eu comecei a discutir – pra você vê a situação – aí comecei a discutir com o José João pelo telefone: “Ah, não sei o que...” xingo daqui, xingo dali “Eu vou aí.” Aí vem um cara a cavalo – eu não sei se de charrete ou a cavalo. Aí ele vem assim... Aí nesse momento quando ele vem andando eu digo assim, tinha um estatuto do servidor público, se houvesse agressão você era desligado do serviço público. Me passou pela cabeça: “Isso aí ele está armando.”, então ele veio falar comigo e falava: “Porque isso...” Eu botei as mãos pra trás: “José João, você é um sem vergonha, um filho da puta, tal, não sei o que... Você é um corno!”, porque ele trazia a mulher dele e ele assediava todas as funcionárias, mas a mulher dele...

LM: Que horror!

PJ: É, naquele tempo a estrutura era diferente e não havia todo esse movimento, mas aí lá pelas tantas: “Você é ladrão!” Aí ele disse: “Doutor, o senhor está nervoso. Vamos conversar.”. Aí eu vi que era um ladrão, ladrão. Porque tinha... no mês anterior, um pouco tempo atrás, tinham roubado 40 pneus do almoxarifado, e o pessoal perguntava assim: “PÔ, pneu não saiu rodando...”

LM: Não, claro que não.

PJ: “Tem uma portaria.”

LM: Igual a viga da perimetral, né?

PJ: Pra você vê como que era a situação. Eu estou contando esse lance curioso e tal, mas aí ficou por ali mesmo, depois do ladrão ele... Corno ele aceitou...

LM: O senhor conheceu o Dr. Sebastião de Oliveira?

PJ: Conheci, ele fazia parte do grupo dos...

LM: Do grupo dos cassados, né?

PJ: O Sebastião era uma pessoa mais... havia pessoas muito expressivas como Moussatché, Oswaldo Cruz.

LM: Sim, e outras nem...

PJ: E outros não. O Dr. Hugo era mais calmo, o Sebastião fazia parte disso também, era do grupo mais calmo que seguia, assinava tudo isso, fazia parte. Quer dizer, era solidário ao grupo, foi cassado, mas não era uma pessoa tão expressiva assim não.

LM: Entendi. Hum-hum.

PJ: Aí chega, começa agora o período das transformações.

LM: Sim, depois do... quer parar pra tomar um café?

PJ: Quero.

[Continuação após intervalo]

LM: Vamos lá.

PJ: Esse era um quadro de desolação...E uma perseguição mais branda, porque cassar, tirar da instituição era um custo, esse é um custo muito alto.

LM: Exato.

PJ: Esse é um custo muito alto. A gente não... o José foi colocado comunista, mas com possibilidade de recuperação. (**Riso**) Eu não sei, eu nunca fui lá.

LM: O senhor qual era, doutor?

PJ: Eu nunca fui lá atrás pra saber.

LM: É.

PJ: E essas coisas de ser chamado aqui pra responder... o inquérito chegava na 6ª feira à tarde. Quer dizer, você ficava o sábado e domingo sem dormir sabendo que...

LM: É. Pensando que na segunda-feira como é que vai ser.

PJ: Eu não sei se isso era uma técnica, mas chegava 6ª feira a tarde. Bem, aí retornei pra Manguinhos e começamos a trabalhar com o que a gente tinha no laboratório, trazendo estudantes, desenvolveu muitas teses, se fez trabalho mais de licenciatura e comecei... naquela época havia... o comportamento animal, etologia, ganhou um prêmio Nobel de medicina e fisiologia e eu me interessei por isso fiz um laboratório chamado laboratório comportamento animal. E muitos alunos, muitas teses, ligados ao curso, quando chegou... veio a fundação e veio primeiro com...

LM: A fundação é de 72?

PJ: Não sei.

LM: 73? Não estou me lembrando.

PJ: Eu não estou lembrado desse negócio.

LM: Eu não estou me lembrando. Eu vou ver direitinho o decreto. Porque deve ter sido uma loucura fazer uma fundação. Você meio que botar numa camisa de força o IOC, a ENSP, todos esses lugares, né? E abrigar...

PJ: A fundação, estou me lembrando, a fundação ainda veio foi o Rocha Lagoa, né?

LM: Foi Rocha Lagoa, é?

PJ: Quer dizer, a gente olha pro Rocha Lagoa, a gente apedreja ele, tem todos os motivos, mas...

LM: Mas isso, isso eu acho que talvez tenha sido uma decisão sábia, né?

PJ: Tentou forçar ele não fazer, mas eu sei que saiu na gestão dele.

E quando chegou o Vinícius e como o Vinicius era um cara altamente ligado ao governo e a gente tinha uma crítica ao governo até coisa, a gente não teve maturidade pra perceber que o Vinícius estava fazendo as grandes transformações da Fundação. Total falta de maturidade.

LM: O Dr. Vinícius da Fonseca. Por que o senhor considera que ele estava fazendo as grandes transformações?

PJ: Porque ele começou... primeiro ele foi crítico dizendo: “Se o pessoal está ganhando esse salário é porque o pessoal não vale”. Porque ele veio de uma outra estrutura que era renumerado. Mas aí ele...

LM: Por que? O salário daqui era ruim?

PJ: Muito ruim! Aí ele passou a gente pra carteira assinada...

LM: Celetista.

PJ: Celetista e aumentou o salário de todo mundo. Começou a investir muito dinheiro na fundação e trouxe o Lobato Paraense pra dirigir a parte coisa... e ele começou a estudar... eu li a entrevista dele e percebi como eu fui injusto com ele, né?

LM: Com Dr. Lobato?

PJ: Não, com o...

LM: Com o Dr. Vinícius.

PJ: Com o Vinícius, ele propõe alguma coisa e ele... a gente trabalhava em zoologia pura, mais pura, as teses e os trabalhos eram todas, não tinha ligação, não tinha objetivo porque tinha vindo de uma formação dessa que o Herman achava que isso era importante, e no fim era. Só que pesquisa pura é importante, mas depois de muitos anos. O trabalho do (nome) que trabalhava com mosquito, ninguém dava importância até quando surge epidemias, zika etc., acharam importante, o próprio Lobato Paraense.

LM: É.

PJ: Aí ele trouxe... mas aí surgiu a frase: Ah, vamos trabalhar em ciência pura e em animais aplicados.

LM: Como que é isso (**Risos**) ciência pura em animais aplicados?

PJ: Porque você continua... quer dizer, eu por exemplo, desenvolvi todos os meus trabalhos com biomphalária, mas na realidade estudei biologia da biomphalária, eu não tinha... eu acho que o meu trabalho marcante foi porque não se controla a esquistossomose matando caramujo. Apresentei até no congresso internacional, levando os caramujos a condições extremas, viver pressões equivalentes a 60 metros... foi a minha defesa de tese de doutorado. 60 metros... Nós tínhamos um tubo de dez metros, três andares, então você jogava (**nome**) na superfície, que era a técnica geral, mas o caramujo descia, está entendendo? ...E vivia lá, depois ele subia. E um caramujo se auto fecundava dava 10 milhões depois de seis meses, segundo o trabalho lá do próprio Lobato Paraense. Então não adiantava combater caramujo pra combater esquistossomose.

LM: Entendi. Hum-hum.

PJ: Uma coisa interessante é que os caramujos... eu chegava nos riachos e via caramujos eu digo: “Isso não é carregado?” Porque o caramujo...

LM: Ele gruda, né?

PJ: É, e ele sobe a corrente em sentido contrário. Então quando chove...

LM: Aí que ele...

PJ: ...Ele sobe e se enterra e passa 6 meses enterrado. Aí a gente chamou de emburacar.

LM: (**Risos**)

PJ: Então a gente estudou... os meus trabalhadores foram...

LM: Nessa área.

PJ: Nessa área, mostrando que o caramujo tinha no seu comportamento natural uma série de atividades que impediriam qualquer controle deles, ele sempre repovoaria. E acabaram desistindo de controlar o caramujo como controle da esquistossomose. E outros motivos, quer dizer, o sujeito jogava (**nome**) matava todos, mas um estava de fora, voltava ao local por esses comportamentos de proteção.

LM: Sim, acabava voltando. Hum-hum. E, Dr. Pedro, nesse período aí que a gente está falando de pós cassados e de sobrevivência desses laboratórios, dos trabalhos desses laboratórios, como que o senhor vê, como o senhor percebe a importância dada a esses laboratórios pela administração do IOC? O senhor acha que o fato de ter havido a cassação e dos laboratórios terem sobrevivido é mais a quem ficou, a quem permaneceu e quem pôs adiante esse trabalho, ou o senhor acha que isso foi uma coisa institucional, de uma visão institucional pra preservar as...

PJ: Não houve visão.

LM: Não houve visão.

PJ: Não houve visão nenhuma e a preocupação era... – sabe? isso já foi colocado, havia o grupo que trabalhava e o grupo que não trabalhava. O grupo que não trabalhava fazia questão que não aparecesse os trabalhos e tentavam dificuldade de toda a ordem. Daí é mais fácil você fazer um trabalho observacional que não precise de equipamento, etc., do que... porque não chegava equipamento, não entrava dinheiro, o status... quando eu entrei em Manguinhos era status você ter ventilador, ter telefone. Nada tinha na instituição. E depois, mesmo com a chegada do Lobato...

LM: Dr. Vinícius.

PJ: Do Vinícius. Começaram a pensar. A ideia era a seguinte, tinha tanto na administração que a administração podia dar pros laboratórios e havia um momento que o sujeito chegava: “eu quero comprar um...” “eu quero abrir uma janela por causa da mudança.”. “Você tem verba de algum lugar?” “Não, quem tem que achar a verba são vocês, eu tenho que pedir.”. Se você queria alguma coisa, se você tem verba de algum lugar?” Então: “Eu estou trabalhando pra vocês.” E isso passou a ser minha abordagem em relação ao Vinícius, porque eu não podia dizer assim: “Ah, eu tenho abordagem porque eu estou estranhando, porque eu não gosto da sua origem política.”. E aí quando o Vinícius foi substituído pelo outro sujeito que era reitor – qual é o nome dele? – Guilardo [Martins Alves]... Quando ele foi substituído pelo Guilardo eu era presidente do centro de estudos e eu achei que podia fazer o centro de estudos político. Então chamava essas pessoas e chamava inclusive o Guilardo pra combater. O Guilardo tinha uma técnica de reitor muito eficiente. O Guilardo marcava uma hora, então estava todo mundo morrendo de fome e ele chegava e colocava, respondia as coisas todas. Aí o Guilardo me chamava: “Por que você está reclamando de dinheiro de laboratório porque o dinheiro eu dei pro...” os chefes tinham dinheiro, então havia... o cara chegava a ser diretor... o cara chegava a diretor, todos os diretores fizeram grandes laboratórios.

LM: Hummm. Entendi.

PJ: Todos eles, todos fizeram grandes laboratórios. Quando chegava a diretor a primeira coisa que ele fazia era o laboratório dele.

LM: Era o laboratório dele, exatamente.

PJ: Se você olhar pra história dos diretores com as instalações... construíram prédios pra eles, etc., e tal. Eu não preciso citar nomes, eles são meus amigos, mas eles fizeram. O Lobato fez isso, o Dr. Lobato fez o prédio dele. Esse que eu gosto também... O [José Rodrigues] Coura fez isso. Lá no Instituto todo mundo sabe, todo o dinheiro foi pro Coura, ele montou lá aquele Pavilhão 26. Não que eles não merecessem, eles mereciam sim, eles eram pessoas... quando chegou o Coura, o Coura disse assim: “Vou trazer a unidade do departamento.”. Quer dizer: “Vou trazer a estrutura do departamento da universidade.”. Aí a gente teve outra coisa. Quando sobrava dinheiro começou os laboratórios e depois o que acontece o seguinte, digamos...

LM: Gente! Mas isso era muito cruel porque aí quando sobra você vai pra os laboratórios menores, que as pesquisas não são muito expressivas. É isso?

PJ: Agora o que eu vou dizer... fazer obra é sempre uma coisa importante pra se desviar dinheiro.

LM: Infelizmente tem isso também.

PJ: Então a gente desconfiava que a administração desviava, quer dizer, não posso dizer coisa... pelo padrão, o pesquisador tinha um carro e cara tinha um carro do último tipo...

LM: Um carrão.

PJ: Um carrão, etc. A gente perguntava: “Pô, como é essa história?!”

LM: Como é que consegue?

PJ: E ninguém largava aquele negócio. Fora quando batia de frente que a gente dizia: “Ó, está se gastando mais, está se gastando nesse prédio...”. José uma vez disse pra um

presidente: “Está se gastando mais nesse prédio do que se imagina” o sujeito deixou de falar com ele.

LM: Hummm. Entendi.

PJ: Tem situações desse tipo. Então havia isso. E o que acontece é seguinte, naquele tempo havia menos polarização política e o sujeito que era... dirigia a instituição, era diretor, etc., ele tinha prestígio, além do currículo ele tinha prestígio político. E jogava com esse prestígio pra conseguir. Que o grande defeito hoje institucional é que o sujeito tem currículo...

LM: Mas não tem prestígio.

PJ: Não tem prestígio nenhum. Não, também se ele tivesse, como é que ele vai se associar (**rindo**) às pessoas que estão acima, que são abaixo da crítica. Quem é que teria coragem de dizer o seguinte: “Não, eu vou trazer o presidente da República aqui.”.

LM: Não.

PJ: Ou eu vou trazer um ministro.

LM: Não, era só pra ser enxovalhado.

PJ: Naquele tempo se fazia isso, se ia ao gabinete do ministro, aí convidava ele pra visita. E aí como isso conseguia uma verba, fazia um prédio, uma biblioteca... Hoje as coisas são confusas e com razão, a gente não percebe esse movimento da liderança fazer isso com razão, porque quem vai chamar o que?

LM: É.

PJ: Quem é que teria coragem?

LM: É. De chamar esses caras. Hoje não teria.

PJ: Chamar um presidente da república, chamar o...

LM: Chamar o José Ricardo Barros, o ministro?

PJ: Chamar o ministro, chamar não sei quem...

LM: Não.

PJ: Quem é que teria coragem? Ele prefere deixar a instituição afundar ou ir embora. Mas aí o sujeito não vai embora, aí não denuncia, e se denunciar ele está fora porque...

LM: É, a gente está vivendo um momento institucional muito complicado.

PJ: Eu ontem falei o seguinte pra Marise: isso aqui já foi curral eleitoral, hoje é uma fazenda com vários currais. Já foi curral eleitoral, então o sujeito chegava dizia: “Não, aquele caso...” Aí crescia e tal, etc. agora são vários currais, então é muito difícil você ter controle da instituição e aí você vê... quando a gente está fazendo as entrevistas do nosso plano de trabalho a gente percebe como é perdido o trabalho desse pessoal.

LM: Pois é.

PJ: Quer dizer, o Leon que tinha várias coisas superinteressantes, pô, o cara está acuado, o José está acuado, e o pessoal...

LM: Não existe espaço pra essas pessoas.

PJ: E eles estão brigando. E aí? O cara que está numa salinha o pessoal está brigando...

LM: É, se sente ameaçado, não é o seu feudo.

PJ: Cada um está no curralzinho... no curralzinho e a instituição como um todo não tem como resgatar. Eu não digo nem as pessoas, as pessoas viriam, os trabalhos que fizeram que foram importantes...

LM: O senhor considera hoje que a Fundação Oswaldo Cruz está num momento de ostracismo, não tem nada impactante?

PJ: É o reflexo do país.

LM: Do país.

PJ: É o reflexo do país. Não pode ser diferente.

LM: Se tornou uma instituição mais burocrática do que...

PJ: Muito mais.

LM: Muito burocrática.

PJ: Houve um momento que havia um presidente... o diretor... o chefe da administração que ele queria fazer uma... eu não sei nem se existe vice-presidência de administração.

LM: Não sei também. Talvez exista.

PJ: Não sei se existe.

LM: Talvez tenha mudado de nome. Mas existem várias vices presidências.

PJ: Eu brigava com ele, pedia uma coisa: “Ah, não tem dinheiro!”. Eu digo? “Como não tem dinheiro, a gente entra nas suas salas está todo mundo com computador, você não pode mandar um computador pro laboratório?” As brigas eram desse tipo. Aí cara ficava... o cara se sentia, que ele tinha umas costas quente politicamente, ele foi colocado ali politicamente, entrou um simples pesquisador que disse uma verdade assim patente.

LM: Dr. Pedro, o que o senhor está colocando pra gente é o seguinte que sempre existiu uma dificuldade muito grande de verbas e de se conseguir equipamentos no Instituto Oswaldo Cruz?

PJ: Sim. E aí houve um momento...

LM: O que o senhor considera isso? Porque na verdade quem não é do Instituto Oswaldo Cruz, quem não é do IOC, tem uma visão de que lá as coisas acontecem, que tem dinheiro, que é a área prioritária da Fundação.

PJ: Devia ser protagonista.

LM: Deveria ser protagonista com seus laboratórios todos. O senhor acha que porque espalhou muito tem laboratório mais aí perdeu o protagonismo de qualquer coisa?

PJ: Eu acho que não tem direção.

LM: Sim.

PJ: Quer dizer, não tem norte para a instituição.

LM: Entendi.

PJ: Não tem norte pra instituição. Eu era chefe de departamento de biologia e aí o pessoal disse: “Não, o que faz...” aí o Otávio que trabalha no departamento disse assim: “Pega o relatório da OMS e vê as doenças...”, eram sete doenças aí tem a direção. Tem sete

endemias. Aí tem as doenças de rico e doenças de pobre. Aids é doença de rico então tem dinheiro, esquistossomose é doença de pobre...

LM: De pobre. É.

PJ: Então não tem dinheiro.

LM: Hanseníase é doença de pobre então não interessa.

PJ: De pobre, então não tem dinheiro. E, além do mais tem.

LM: Doença de chagas também.

PJ: Não interessa.

LM: Todas essas doenças ditas negligenciadas, né? Quando eu acho que é a deveria interessar, né?

LM: Outra coisa que entra o laboratório.

LM: Sim.

PJ: O laboratório internacional diz: “Vamos botar dinheiro numa doença que você vai ter retorno.”.

LM: Entendi.

PJ: Aí entra as patentes, outras coisas... tornou-se um mundo mais complicado.

E. É, o mundo está muito complexificado também. O senhor considera que esse episódio da cassação de Manguinhos e tudo mais dos cientistas cassados, o senhor considera que modificou ter havido a cassação e o senhor ter permanecido no laboratório? Modificou em alguma coisa a sua trajetória profissional, influenciou de alguma maneira?

PJ: Eu acho que...

LM: Ou por conta disso você foi fazer uma outra coisa?

PJ: Atrasou. Está entendendo?

LM: Atrasou, é.

PJ: E o que acontece é o seguinte, é que não deu possibilidade da gente ver novas perspectivas

LM: Entendi.

PJ: É como se você fosse... de repente você perde o chefe de família e tu diz assim: Poxa, eu tenho que manter essa casa.”.

LM: Isso. “Eu tenho que dar um jeito.”.

PJ: “Eu tenho que dar um jeito.”.

LM: É.

PJ: Aí obviamente você começa sem saber o que fazer. Alguns continuaram, outros aderiram, aí tiveram uma passagem outros aproveitaram do momento pra crescer.

LM: Entendi. Cada um tinha uma forma.

PJ: Cada um de alguma maneira. E alguns... quer dizer, o José [Jurberg], o Leon [Rabinovitch], o Silvio Celso e etc., e outros que a gente vai lembrar depois das entrevistas, eles conseguiram fazer o caminho, se reestruturarem até poder chegar ao

peçoal e disse assim: “Não, vamos colocar dinheiro...” o Vinícius: “vamos colocar dinheiro, vamos dar uma ideia a isso...” e com o Vinícius se pensou num grande passo de crescimento. Com Guilaro eu acho que foi assim o momento que se vendeu politicamente. Guilaro era um político, não tinha estrutura pra ser um... embora ele tenha sido reitor e o Arouca deu uma grande perspectiva da saúde: “vamos voltar a saúde.”. A Escola passou a ser protagonista. Eu acho que o pessoal do instituto via naquela época, 1964 com maus olhos qualquer outro dessas divisões, era a escola etc.

LM: Entendi.

PJ: Mas hoje se não estivesse associado a Fundação o Instituto não ia sobreviver.

LM: Sozinho. É a impressão que eu tenho. É. Que de certa forma... por isso que o senhor disse que foi proveitosa e genial até a ideia do Dr. Vinícius de unir tudo isso e fazer a fundação.

PJ: É.

E: Porque eu acho que aí cada um de repente deu força, não sei.

PJ: O Rocha Lagoa se sentiu forçado a ser Fundação e o Vinícius veio com uma visão empresarial, com uma visão política...

LM: Pra concretizar isso melhor. É.

PJ: E consolidou.

LM: E costurar tudo isso. Porque não é fácil, é um diálogo espinhoso.

PJ: E a partir daí... quer dizer, foi-se perdendo a partir do Coura. O Coura ainda tem renome fora. Quer dizer, hoje dificilmente o cara tem algum renome fora. Está entendendo? Mas a partir do Coura nós passamos a ter diretores que têm um ótimo currículo, são pessoas excelentes etc., mas não têm história, sabe? O cara não consegue chegar no jornal pra não dizer... “olha, se vocês não abrirem isso, isso vai afundar e eu me demito.”. Aí todo mundo: “Não!”

LM: “Não! não vai!” É.

PJ: Antigamente o pessoal usava isso, né?

LM: Exatamente, essa artimanha.

PJ: Quem é que conhece o diretor? Quem é que conhece o presidente da Fundação? Aí a gente: “Ah, o passado...”. quer dizer, se o protagonismo era pesquisa, depois produção, hoje o protagonismo é história.

LM: É. Hum-hum.

PJ: Agora fazer história é muito mais fácil. Porque pra fazer pesquisa o cara tem que ser inteligente e tem que ter dinheiro e equipamento (**Rindo**).

LM: É.

PJ: Senão o cara fica marcando passo. Agora pra fazer história o cara tem que ser inteligente e trabalhador.

LM: É, sem dinheiro tudo bem, você faz e sobrevive.

PJ: Você faz, tá entendendo?

LM: É verdade.

PJ: Aí se o cara é bom ele vai fazer de primeiríssima qualidade...

LM: Qualidade, é.

PJ: ...nível internacional. Agora em pesquisa...

LM: É. Você precisa de ter realmente...

PJ: Você precisa ter. E aí quando você consegue montar uma linha de trabalho, o outro laboratório fez isso com equipamento melhor, né?

LM: É. É difícil. (**Rindo**) Dr. Pedro, o senhor considera que a cassação...

PJ: Foi ofensivo o que eu coloquei?

LM: Não! Não. Eu de certa forma concordo. Até porque são ciências diferentes, né?

PJ: É.

LM: Então na nossa área realmente o fato de você ter equipamentos...

PJ: Você pode ser a melhor historiadora de qualquer lugar do mundo.

LM: De você ter equipamentos...

PJ: Agora, pra ser bom pesquisador? Não vai porque o cara precisa de dinheiro.

LM: É, tem que ter um bom microscópio, tem que ter um bom computador...

PJ: Tem que ter um bom equipamento e aquilo tem que estar dinheiro entrando etc.

LM: É.

PJ: Você pode se trancar aqui dentro dessa unidade e fazer um trabalho de primeiríssima, estar no primeiro mundo, primeiríssimo etc. Agora, o cara da pesquisa não consegue não.

LM: É, eu sei. Ele depende muito disso sim.

PJ: E o que acontece é que os problemas mudaram. Na época do Oswaldo Cruz o sujeito era genial, tinha nome e tinha problemas que naquele nível ele podia resolver.

LM: É.

PJ: Fazer um controle de inseto por mais difícil que seja ele... Sabe? Agora o cara (**inaudível**) entrou ele faz tudo isso com muito equipamento.

LM: É. E essa coisa tecnológica avança muito, né? E muito rapidamente.

PJ: Muito rapidamente.

LM: Então às vezes você consegue um projeto, uma verba, aí até chegar o microscópio e tudo ele já está obsoleto, né?

PJ: Está obsoleto.

LM: Eu entendo o que o senhor fala e sou solidária (**Risos**), compreendo. Não foi nem um pouco ofensivo.

PJ: Pegou mal dizer esse negócio da história.

LM: Não, (**Risos**) não pegou não.

PJ: Qual é o seu nome?

LM2: Laís.

PJ: Laíde?

LM: Laís.

PJ: Laís. Laís, você vai ser uma grande historiadora!

LM2: (**Risos**)

PJ: Depois de você ouvir isso, né?

LM2: É. (**Risos**)

PJ: Não precisa de nada, precisa só do apoio, de uma boa orientação e vai em frente.

LM: Dr. Pedro, o senhor considera que a cassação aos cientistas foi uma coisa meramente política, ou teve alguma...

PJ: Não, foi pessoal.

LM: Foi pessoal.

PJ: Foi pessoal com fundo político. E o Herman nas suas atitudes... o Hermann e o grupo dele questionou o tempo todo. Brigou com o Olímpio da Fonseca...

LM: Entendi.

PJ: ...Fez o Olímpio da Fonseca perder a diretoria. Ele batia de frente com o Rocha Lagoa que era vaidoso! Está entendendo?

LM: É.

PJ: Sabe, ele...

LM: Então teve um componente pessoal bem...

PJ: Não, teve componente pessoal, aproveitou a oportunidade política.

LM: Exatamente, a ocasião fez o ladrão, né? Como se fosse assim.

PJ: Não, que o próprio Olímpio da Fonseca, depois... antes de todo falar do retorno ele reconhece que deveria o retorno, mas na época eles sabiam e disse assim: “Não, é o momento d’eu cobrar a minha dívida com desse pessoal comigo.”.

LM: É. E o retorno desses cientistas, como é que foi?

PJ: O retorno eu acho...

LM: Não foram todos que voltaram. O Dr. Haity...

PJ: O Dr. Herman não quis voltar

LM: O Dr. Herman não quis voltar, o Dr. Haity também acho...

PJ: Voltou.

LM: Voltou?

PJ: É.

LM: Porque ele tinha ido lá para América Central.

PJ: É. Ele tinha ido pra Venezuela.

LM: Venezuela.

PJ: Eu acho que o José Jurberg teve... a história dele é institucional, não é uma coisa assim de pesquisa aplicada, nem nada o valor dele. Que ele cobrou do Arouca o retorno e o Arouca tinha uma bandeira política liberal...

LM: O Dr. José Jurberg era tipo um chefe de gabinete do [Sergio] Arouca?

PJ: Eu não sei, o José fala disso. Quer dizer, eu acho que ele trabalhou com Arouca ele passou a ser secretário...

LM: É, tipo um secretário.

PJ: ...Do conselho.

LM: Sim.

PJ: Então o José Jurberg botava na mesa...

LM: A pauta, pautava.

PJ: A pauta. Então algumas passagens... antes disso ele cobrou do Arouca em uma assembleia e aí o Arouca tinha um discurso muito eloquente, ele se levantou na assembleia e disse: “Olha, a partir de hoje vai ser a minha bandeira.”

LM: É.

PJ: E aí ele batia no gabinete, foi a cada um. E o Hermann disse que não voltaria porque ele tinha sido aceito no Santa Úrsula e ele tinha uma dívida de gratidão com a Santa Úrsula, que ele não queria voltar por causa disso.

LM: Hum-hum.

PJ: E o José... a cada um deles ele cuidou da instalação, de laboratório, contratação. O Renato Balão [Cordeiro] veio porque o Moussatché queria e o José fez toda as gestões pro Renato vir, etc. Então a própria biblioteca, nós fazíamos um... a biblioteca os livros estavam lá em baixo no porão do INCQS, entrava muita água, o José foi e fotografou os arquivos e fez um álbum. Eu não sei se o José contou isso na entrevista...

LM: Não, acho que não. Não me lembro não.

PJ: Mas ele fez um álbum. Um dia o pessoal do conselho que eram ministros, pessoas da sociedade influentes, políticos e tal quando chegou na mesa tinha um álbum do que era a biblioteca e ele pleiteou a biblioteca. E eu acho que isso foi esquecido da página da história do José, eu acho que a biblioteca deve ao apoio dele.

LM: Ao empenho pessoal dele.

PJ: Ao empenho dele. Como no prédio eu aprendi a lição. O prédio chovia dentro e aí eu digo: “Pô...” numa dessas transferências nós fomos pro biotério antigo e era um... hoje eu acho o biotério antigo espetacular, né? E o Lobato Paraense nos deu uma sala e como o biotério tinha várias salas vazias a gente foi abrindo porta... essa sala era contínua a gente abria uma porta aqui. Aí chamava o cara e o cara fazia uma porta, pagava dinheiro por fora, o cara fazia a porta e a gente foi entrando. Mas aí um dia a gente queria isso estar incluído dentro do plano de obras. Aí eu digo: “Pô, mas entra água, mas não caia nenhuma goteira.” Aí a gente abriu todas as bicas, inundou o prédio, tiramos fotografia e mandamos. Fizemos o mau. (**Risos**) e eu não sei qual foi o diretor ele disse: “Não...”

LM: “Não pode.”

PJ: Aí começaram as transformações do prédio. A gente aprendeu bem a lição. **(Risos)** A nossa foi forçada.

LM: Isso aí. Dr. Pedro...

PJ: Eu tenho uma história engraçada com o Arouca. O Arouca ele disse assim... nesse discurso que ele fez do retorno ele disse: “Não haverá um pesquisador sem equipamento, sem telefone, sem não sei o que...” tal e etc. Aí ele tinha um ajudante de ordem, acho que o Sérgio...

LM: Sérgio Góes [de Paula]? É Sergio Góes.

PJ: Muito boa pessoa. Eu digo: “Sérgio, eu estou querendo telefone no prédio”. Aí ele disse assim... porque naquele tempo não tinha celular também...

LM: Ih, isso é década de 80, né?

PJ: “Ah, não é possível.”. Eu digo: “Olha, a casa do Arouca, lá na casa da presidência tem dez linhas, eu quero uma linha.”.

LM: Transfere uma.

PJ: Aí tudo bem, transferiu a linha e tal. Aí veio o cara da telefônica pra mim e diz assim, a tarde chegou e disse: “Ó, doutor, eu não posso trazer o telefone de lá pra cá.”. Eu disse assim: “Eu te dou um salário pra você botar hoje até as cinco horas o telefone na minha sala.”.

LM: **(Risos)**

PJ: O cara botou. As coisas funcionavam assim.

LM: Que coisa!

PJ: Pagamento por fora.

LM: É. Triste, né, isso? Jeitinho brasileiro. **(Risos)**

PJ: Mas na época, aquela época foi de jeitinho.

LM: É.

PJ: Você só trabalhava se você desse jeitinho.

LM: Se desse jeitinho.

PJ: Uma das coisas... Por exemplo, nós descobrindo uma impossibilidade de compra de qualquer material novo, mas havia uma verba de substituição então a gente ia pra sucata - me lembro muito bem disso – porque tinha uma geladeira... isso não é nem do tempo de vocês, que tinha uma bola em cima, de tão antiga. Isso era antes da década de 40. Então: “Doutor, isso não vai conseguir funcionar.”. Funcionou uma semana, aí veio um caro, botou. Aí eu pedi a substituição da geladeira. **(risos)** aí o cara veio...

LM: Pra substituição tinha verba.

PJ: Pra substituição conseguia.

LM: É.

PJ: Então quando eu ia falar com uns dos diretores eu digo assim: “Eu vou com dez pedidos, o cara pra não ficar de saco cheio atende dois.”.

LM: **(Risos)**

PJ: Está entendendo? Então era um jeitinho.

LM: Era, era assim que funcionava. Dr. Pedro, o senhor tem uma trajetória profissional toda ligada a Fiocruz, ao Instituto Oswaldo Cruz, também UERJ, no seu caso onde o senhor tem aula, mas no período que o senhor ficou aqui, foram muitos anos de trabalho;

PJ: É.

LM: O senhor considera que foi proveitosa a sua passagem por aqui?

PJ: É, o Instituto dava e até hoje ele dá um status. Você chega num lugar e diz: “Eu sou da Instituto Oswaldo Cruz...” “eu sou da Fiocruz, eu sou do Instituto Oswaldo Cruz.”

LM: É.

PJ: Está entendendo? Ele dava status, ele abria as portas. E assim abriu as portas da UERJ. Assim, abria as portas de todos os lugares que você ia. Então foi muito proveitosa. Eu só acho que não foi mais proveitosa porque com a cassação do pessoal aquela orientação, aquele norte a gente perdeu, então até se achar nós perdemos muitos anos. Está entendendo?

LM: Hum-hum. Hum-hum.

PJ: Sabe? Uma orientação do Herman, do Hugo, e tal, a gente pode olhar e dizer assim: “Ah, tem uma restrição porque não nos ensinou política”, mas não era o momento.

LM: Entendi.

PJ: Sabe? Eles eram pessoas geniais, entendeu? E eticamente eram pessoas muito boas.

LM: Sim.

PJ: Eu tive a uma briga com Herman muito feia, passamos dois ou três anos sem falar com ele. Não sei se vale a pena...

LM: Se quiser falar, pode falar.

PJ: Não, deixa pra lá.

PJ: Não?

PJ: Mas aí fizemos as pazes, porque... não dizia respeito a problemas éticas.

LM: Sim.

PJ: Dizia à postura de trabalho.

LM: Profissionais. Tá.

PJ: Então separava, se o cara eticamente não era, não correspondia ao que se esperava as brigas perduravam, mas se havia desentendimento com negócio de trabalho, de postura, até de tratamento, que foi meu caso com Hermann, havia aquele negócio de ser humano que a gente ficava tal e coisa, mas ultrapassava...

LM: Entendi. Dr. Pedro, quais as suas atividades de hoje? o senhor tem o senhor tem... o senhor não quis permanecer?

PJ: Não, eu era chefe. Eu me aposentei e era chefe do departamento, que eu criei o departamento de biologia. Eu acho que meu grande mérito na instituição foi ter criado o departamento de biologia.

LM: É o DBBM [Departamento de Bioquímica e Biologia Molecular], não?

PJ: Não. Hoje são inúmeros laboratórios.

LM: Sim.

PJ: Como esses laboratórios dão frutos eu olho e digo: “Olha, eu tive desde pessoas muito boas”, quer dizer, hoje é muito grande e tal o prédio em si, mas eu achei em algum momento ele feio. Era o laboratório, a sessão de malacologia no início, depois laboratório de comportamento animal e departamento de biologia, o departamento desses laboratórios e eu acho que houve um momento de dividir. Esse dividir eu me pergunto se valeu. Quer dizer, valeu em termos técnicos como sempre passou na minha cabeça: “Vamos dividir pra reinar.”. Aí se criou esses laboratórios que você... inúmeros laboratórios, você perde uma linha, uma diretriz... Então cada um cresce ou cada um diminui, se o cara diminui não há como perceber porque ele está no meio daquele grupo.

PJ: E aí eu acho que isso é um ciclo. Daqui a pouco chega alguém e diz assim: “Vamos reformular o Instituto”, aí volta o departamento...

LM: Entendi.

PJ: ...Que é estrutura da universidade que funciona até hoje.

LM: Hum-hum. Ta. E...

PJ: Então se você perguntar qual foi o mérito assim, eu digo que acho foi o Departamento.

LM: Sei.

PJ: O departamento de nada, de uma sala, foi um departamento grande, hoje laboratório, e as pessoas.

LM: É.

PJ: Eu chego lá hoje o pessoal não me trata mal não, todo mundo me beija.

LM: (**Risos?**)

PJ: E eu beijo todo mundo.

LM: Mas o senhor hoje está... que tipo de atividade o senhor faz hoje?

PJ: Depois eu fui dar aula no mestrado de sexualidade humana.

LM: Sim.

PJ: E hoje eu dou aula no...

LM: Na Unirio?

PJ: Não, na Gama que acabaram com a Gama Filho.

LM: Ah sim!

PJ: Aí na UFRJ, na cadeira de ginecologia, tem sexualidade humana.

LM: Entendi.

PJ: Então eu dou lá duas palestras, são vários professores.

LM: E estuda muito ainda, né?

PJ: O que?

LM: Estuda muito ainda porque ainda quer fazer muitas coisas.

PJ: A história me deu uma perspectiva diferente, estou pegando pessoas que eu acho que tem valor, que tem alguma coisa pra dizer e eu estou convencendo a eles escreverem livros.

LM: Certo.

PJ: Eu digo: “Você tem que escrever um livro”; o cara diz: “Ah, eu não tenho tempo.”. Eu digo: “Olha, eu vou arrumar um *copydesk* ou um (**nome**) pra escrever pra você.”. Então já tem quatro livros assim nessa história...

LM: Pensados.

PJ: Dois com você.

LM: É. (**Risos**) E deixa eu fazer algumas perguntas pro senhor que tem a ver mais com o que o senhor pensa do futuro institucional da Fiocruz. Agora não é só IOC, Fiocruz de um modo geral. Quais são as impressões que o senhor tem da Fiocruz hoje?

PJ: Eu acho uma briga interna enorme, uma briga mais política pelo poder político, talvez a palavra certa seja politicagem, quer dizer, cada grupo briga com outro grupo e sem... você não consegue associar nenhuma ideologia política, nenhum compromisso com a saúde pública, não há esse compromisso com a ciência, ne?

LM: Hum-hum.

PJ: Eu acho que as coisas cresceram demais e é um reflexo do que está passando o país.

LM: Eu ia falar isso. É um esse momento político, econômico, social, confuso que a gente está vivendo.

PJ: Enquanto a gente no país não formar uma diretriz que a gente não sabe qual é, etc., dificilmente a instituição vai tomar, vai encontrar o seu destino.

LM: O senhor considera que o senhor pode ter sido injustiçado pela instituição em algum momento, ou desconsiderado?

PJ: Não, injustiçado...

LM: ...ou desrespeitado?

PJ: Eu acho que sim. Eu acho que não aproveitaram

LM: É.

PJ: Não aproveitaram.

LM: Todo potencial que o senhor teria...

PJ: Passei 40 anos... falei isso pessoalmente pra você, 40 anos eu só ganhei dois equipamentos novos, em 40 anos. Um que não me serviu de nada que fazia parte do microscópio que nunca veio. Era uma câmara M5 e tal, depois de muita luta pela câmara, pelo microscópio e a câmara me deram a câmara. Claro, passei com aquela câmara na mesa. E um outro que havia um aparelho de registro de comportamento automatizado. Então passei três anos que eu pedia, ganhava o aparelho e no fim chegava e dizia: “Pô, falta de verbas fica pro outro ano.”. E aí a última vez que isso veio, acho que era o [Carlos] Morel... não, era o Cláudio o diretor, eu escrevi no ofício: “Isso é uma palhaçada, e o palhaço maior sou eu que acredito nessas coisas ainda.”. E aí naquele semestre chegou. Eu publiquei um trabalho e me aposentei, depois publicaram-se inúmeros trabalhos, tal.

Um equipamento razoavelmente barato, se fosse hoje eu compraria com o salário que estão pagando, se a UERJ pagava.... a gente fez a fundação Jurberg.

LM: **(Risos)**

PJ: Pequenas despesas a pagar do nosso bolso porque não vale a aporrinhção.

LM: É.

PJ: Daria pra comprar. Porque na época... aí você diz: Como é que você conseguiu trabalhar, fazer tese, etc.? Mesmo assim eu publiquei... tenho medo de dizer quanto porque eu deixei de contar, mas vamos dizer 50 a 70 trabalho, alguns livros, capítulos de livros, então não sei se é verdade porque eu nunca mais procurei esse negócio.

LM: Sim.

PJ: Aí eu banquei do meu bolso. Eu banquei a pesquisa do meu bolso, saía comprava aparelhos, inventava, claro, tem que inventar os aparelhos. Os aparelhos na linha de trabalho nosso eram relativamente baratos, eram câmaras de filmagem que a gente adaptava pra fazer o que a gente queria. Então eu acho, eu digo? Pô, sabe? - a instituição me manteve com salário de pesquisador, sem ter me dado nada pra trabalhar. Está entendendo? Pô, um dia eu olhei pra traz e disse: “Eu não ganhei nada, nada. Não tenho absolutamente nada.

Eu estou pensando se eu ganhei mais alguma coisa. Uma vez eu ganhei um computador depois de muita luta. Aí quando começaram a chegar os computadores enormes, entendeu?

LM: É, isso.

PJ: Agora, como eu deve ter sido inúmeras pessoas. Poucos aderiram, outros passavam pras linhas talvez mais interessantes. Fossem talvez mais inteligentes, mais cultos.

LM: É.

PJ: Não tenho magoa não, porque eu acho que Instituto dá nome, está entendendo? Em qualquer lugar que você vai: “Eu sou do Instituto Oswaldo Cruz.”. Agora voltei a ser, né?

LM: **(Risos)** agora voltou a ser do instituto.

PJ: Estou fazendo lá pós-doutorado. Encho a boca.

LM: É. **(Risos)**

PJ: Estou fazendo o pós-doutorado.

LM: Mas é um trabalho importante que o senhor está fazendo.

PJ: É, eu acho...

LM: Porque todo mundo já falou tanto do Massacre de Manguinhos, né?

PJ: É.

LM: Mas e o depois? E como é que os laboratórios sobreviveram? Isso é importante.

PJ: Se emplacar, está entendendo? Porque a história do projeto foi uma entrada pra sentar e conversar com você, etc., se emplacar alguma coisa eu acho que, sabe? Eu estou retornando aquilo que o Instituto me deu. E agora oportunidade, agora já não dependo de equipamento, eu dependo de alguém me autorizar fazer.

LM: É. hum-hum. Um hum.

PJ: Não dependo de equipamento, não dependo de bolsa, não dependo de nada. É claro que a gente gostaria de ter um retorno, mas em função disso se eu consegui me manter em termos otimista mais um decênio, né? Se em cinco anos fizer alguma coisa.

LM: Uma vida plena, né? Tem mais alguma coisa que o senhor queria falar, que o senhor queira registrar?

PJ: Não, a gente percebe, está entendendo? Esse retorno pra Manguinhos, conversando com as pessoas, uma maneira, entre aspas, neutra, você pode ir aos lugares, você não está disputando com ninguém, então ninguém vai te apedrejar, ninguém vai te fechar a porta, pelo contrário quando a gente diz que vai entrevistar a gente mexe com as das pessoas...

LM: É. E as pessoas gostam de falar, né?

PJ: É, então, mexe com a vaidade.

LM: É.

PJ: Você não é mal recebido. Também se é mal recebido você muda pra outro...

LM: É. **(Risos)**

PJ: Mas é cobrado até: “Você ainda não me entrevistou.”.

LM: Hammm. É.

PJ: Ah, isso vai ser cobrado. “Pô, por que ele ainda não veio aqui pedir a minha entrevista?” e tal.

LM: Hum-hum. Interessante isso.

PJ: Então isso dá oportunidade da gente perceber a instituição como um todo e talvez a gente consiga fazer, não que vá mudar nada, mas deixar em algum momento ser ouvido em algum lugar.

LM: É.

PJ: Se aquele nosso projeto, que eu tenho esperança, sai...

LM: Eu também tenho esperança que ele saia, Conexões.

PJ: Eu tenho esperança que saia.

LM: É.

PJ: Vai permitir um trânsito maior e vai permitir recuperar... bastante a gente recuperar o trabalho do Leon que poderia... basta dar um apoio a esse trabalho de divulgação que o José está fazendo, nós já fizemos dois.

LM: É. Hum-hum.

PJ: Basta fazer isso você percebe que ali tem um caminho. Diz assim: Olha, isso aqui - sabe? - isso aqui pode dar retorno. Basta dizer o seguinte: “Olha, o sujeito produz um produto e esse produto não sai dos muros do IOC, não tem retorno, se alguém ouvir isso já valeu até a vida da gente.

LM: Hum-hum. É isso aí.

PJ: Pô, será que essa frase está muito bombástica?

LM: **(Risos)** Não, está bom! Está bom, é isso mesmo.

PJ: Uma patente do Leon, entendeu?

LM: É. Nossa!

PJ: De controle. O cara trabalho com inseticida, o cara é *expert* em guerra biológica e de defesa, não que...

LM: Como é que pode um homem desse que teve a trajetória dele...

PJ: Se sentir acuado.

LM: Eu não entendo.

PJ: Se sentir acuado. Basta alguém chega e dizer assim: “Não, você tem um status...”.

LM: Como é que pode isso?

PJ: “...vamos botar você como emérito. Dar uma bolsa aos eméritos...”

LM: Isso. É.

PJ: Assim, aos poucos.

LM: Isso.

PJ: Entendeu? Uma coisa desse tipo.

LM: Seria uma coisa tão boa!

PJ: É, porque você...

LM: Porque afagaria essas pessoas, daria uma lufada nova de ar pra eles trabalharem e valorizaria o trabalho deles, as descobertas científicas todas.

PJ: Eu não sei bem como é o mecanismo de patente. Demora-se 13 anos, eu li outro dia pra fazer uma patente no Brasil, mas basta o cara... assim, com um passo desse a gente percebe da importância das coisas que poderão serem feitas se ganhar...

LM: É.

PJ: Eu percebi que a Casa de Oswaldo Cruz ela é superimportante, então vesti a camisa.

LM: Ah, que bom! (**Risos**) Ficamos felizes.

PJ: É, vesti a camisa. Acho que pode ser feito.

LM: Está bom, a gente queria agradecer...

PJ: Essa cadeira que a gente propões de fazer uma cadeira de história do Instituto pros cursos de pós-graduação, que poderia ser a história amanhã de outros grupos da Fundação etc. Se implantar uma coisa dessa já posso dormir tranquilo, já devolvi ao instituto o que ele me deu.

LM: É isso aí.

PJ: Se eu não devolvi como pesquisador tendo uma pesquisa de ponta...

LM: Ah, mas não é só assim que se desenvolve o investimento institucional, né?

PJ: Essas coisas me movem.

LM: Que bom! (**risos**) mas então nós muito a sua entrevista, Dr. Pedro.

PJ: Eu é que agradeço.

LM: Muito obrigada.